



José Godoy

é escritor, autor de *As Dicas do Sr. Alceu*, e um dos âncoras do programa *Fim de Expediente*, da Rádio CBN

O inventor do moderno

Em cartaz até 3 de julho, no museu D'Orsay, "Manet, inventor do moderno" é a primeira grande exposição destinada ao impressionista francês, desde a marcante exibição do Grand Palais, no começo dos anos 1980.

Oportunidade rara para as novas gerações que invadem o museu às margens do Sena – além, é claro, dos privilegiados que estiveram diante de suas telas há trinta anos – de tomar contato com a obra de um dos maiores artistas da segunda metade do século XIX.

Na trajetória proposta pelos curadores, Manet está agrupado na poderosa geração de autores, que nas mais variadas expressões artísticas ajudaram a formatar o que aprendemos a nomear como Arte Moderna. Parte deles homenageada na tela que abre a exposição. O belo "Homenagem a Delacroix", de Fantin-Latour.

Em 1864, um ano após a morte do gigante do romantismo francês, Latour reúne uma trupe que contava com nomes como Manet, Baudelaire, Champfleury e Whistler, ao lado do autorretrato de Delacroix.

Esse ambiente cultural, em que escritores e pintores se frequentam, em que homens das letras escrevem sobre telas e artistas plásticos retratam escritores é o combustível das novas ideias, que irão deixar para trás os valores estabelecidos pelo Romantismo. Dando a ver a sensibilidade que nascia com o crescimento das cidades, o anonimato das grandes massas populacionais, o desenvolvimento das práticas industriais.

A cartilha impressionista – com Manet exercendo indiscuti-

vel liderança – traz para a tela a alteração de nossa própria apreensão da realidade, com seu traço que questiona o registro que fazemos dos objetos. Em meados da década de 1870, o pintor se afastará do grupo, passando a se dedicar a outras questões, notadamente as tensões sociais e políticas do período.

Profundamente sensibilizado pela Guerra Franco-Prussiana e pela Comuna de Paris, Manet internaliza em seu trabalho uma nova discussão: não se tratava mais do modo que aprendemos o mundo, é preciso dar vida nas telas a tipos, personagens, à tessitura social daquele tempo.

Esse talvez seja o ponto de inflexão de sua produção. E que motivaria os conflitos com seus pares artísticos. Mas "O inventor do moderno" é mais complexo. Estrutura-se nas nuances de um projeto artístico plural, que cobra atenção redobrada a quem observa suas telas a partir do recorte temático oferecido na mostra do D'Orsay.

Manet era filho de uma família aristocrática parisiense. Seu pai, alto funcionário do Ministério da Justiça, oriundo de um importante clã parisiense. Após seguidos fracassos para ingressar no Colégio Naval, entremeados por uma viagem num navio-escola ao Brasil, no final da década de 1840, sua família acaba por aceitar que o jovem aspirante a pintor passe a frequentar o ateliê de Thomas Couture, um dos principais retratistas do período.

Expostos na primeira sequência da mostra, o período de formação de Manet – um pequeno conjunto de retratos – são uma afirmação das diferenças artísticas entre professor e pu-

Exposição de obras de Manet, mais do que a contemplação de um belo conjunto de telas, deixa a sensação do retrato do surgimento de uma nova era

pilo. Uma relação que seria encerrada em 1856.

O que se segue é um período complexo em que o jovem artista irá se lançar no jogo bruto das exposições, notadamente do Salão de Paris, mostra oficial organizada anualmente no Louvre. A lista de obras de Manet rejeitadas pelo salão faria qualquer colecionador de arte salivar. Entre elas, “Almoço na relva”, rejeitado em 1863, e “O tocador de pífaros”, rejeitado em 1866.

Diante da relutância do Salão em absorver novas tendências artísticas, em 1863, com o aval do imperador Napoleão III (que classificaria “Almoço na relva” como um atentado à decência), é realizado o Salão dos Recusados. A mostra reúne obras de artistas como Manet e Whistler, atraindo um público numeroso interessado em achincalhá-los. Mas a iniciativa acabaria sendo fundamental para exposições futuras como a dos Impressionistas em 1874, que contribuiriam para o declínio do Salão de Paris.

Em 1865, Manet segue para a Espanha, onde irá frequentar o Museu do Prado estudando os trabalhos de El Greco, Goya e Velázquez. O último, assim como os venezianos Ticiano e Giorgione, teria influência fundamental na paleta do pintor.

Ainda em 1865, Manet seria confrontado pelo escândalo de “Olympia”. Também rejeitada pelo Salão de Paris, a obra, produzida em 1863, é inspirada na “Vênus de Urbino”, de Ticiano. Público e críticos criticam a ausência de regras básicas de perspectiva. Notadamente as dimensões do gato negro, sobre a cama, aos pés da cortesã Olympia. Além do descon-

forto causado pela atmosfera erótica da tela, em que uma prostituta nua cobre delicadamente seu sexo, mirando fixamente o espectador sem nenhum constrangimento aparente.

Após o rompimento com os Impressionistas e a influência dos conflitos que marcaram o início da década de 1870, Manet passa a retratar no final da década a vida parisiense dos cafés, brasseries, salas de música. Habitam essas obras mulheres elegantes em sua pequena vida diária, de certo modo independente, sutilmente revelando uma nova posição social da mulher.

Assim como o amigo Baudelaire, Manet morre por complicações causadas pela sífilis, em 1883. Lado a lado na tela de Latour que abre a mostra do D’Orsay, a imagem daqueles artistas volta à mente quando encerramos nosso percurso pelas mais de duzentas obras expostas. Fixando o olhar em Manet, ao lado de seus companheiros, percebe-se uma confiança latente no rosto daqueles homens. A urgência em registrar as aceleradas transformações de seu tempo. A força do tempo histórico, que em meados do século XIX formatou o moto propulsor que daria forma à nossa época. E que trouxe à consciência dessa geração de artistas uma convicção profunda sobre o próprio projeto artístico, sobre a fragilidade das estruturas morais que o combatiam. Que seriam dissolvidas pela velocidade das transformações sociais nas décadas seguintes. Mais do que a contemplação de um belo conjunto de telas, o visitante sai do D’Orsay com a sensação de ter presenciado o retrato do surgimento de uma nova era. 1